

## MEMÓRIA TOPONÍMICA DE SAINT-HILAIRE PELO CAMINHO VELHO DA ESTRADA REAL

Recebido em 15/12/2009

Aceito em: 01/03/2010

Francisco de Assis CARVALHO \*

**Resumo:** *O homem tem a necessidade de nomear o ambiente físico-social que o cerca, sendo esta uma condição sine qua non para a garantia de sua própria sobrevivência. Por meio da Toponímia, ramo da Onomástica que tem por objeto de estudo o exame da origem e do significado dos nomes dos lugares, pode-se analisar a estreita relação que se estabelece entre o homem e o topos que designa o espaço que o circunscreve. Este trabalho centra-se no estudo da memória toponímica do caminho velho da Estrada Real tendo por base a obra Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822), de Saint-Hilaire.*

**Palavras-chave:** *nome; toponímia; Estrada Real; Caminho Velho; Saint-Hilaire*

### Introdução

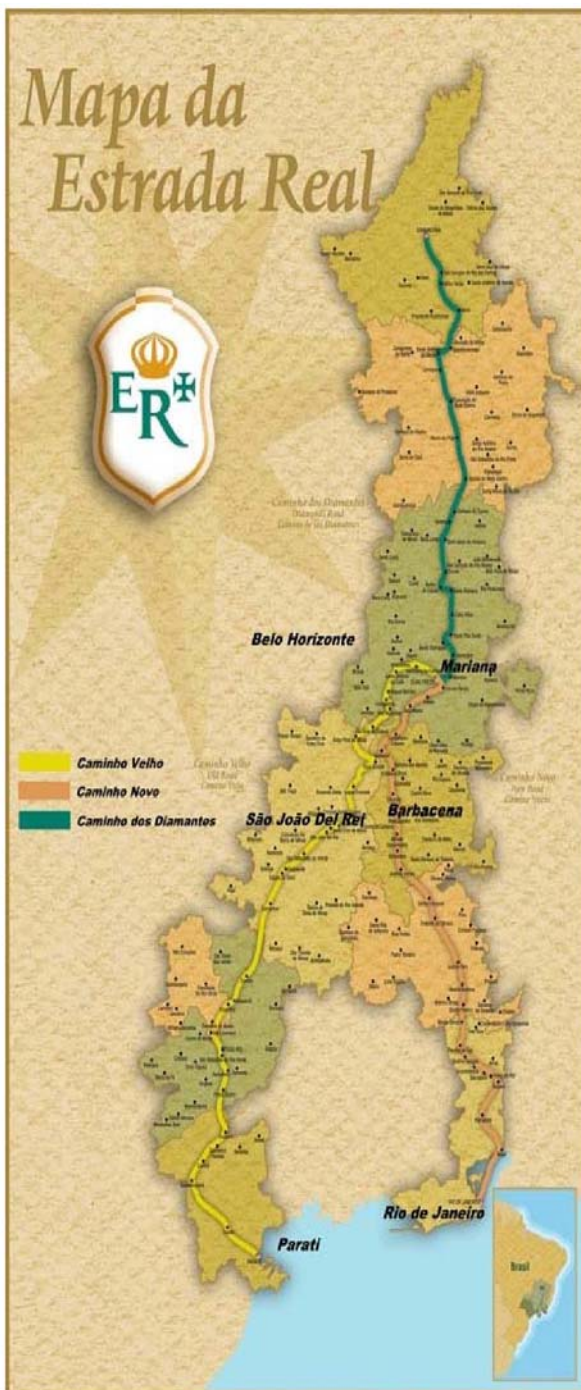
A Toponímia tem por objeto de estudo os topônimos. Dentro do domínio linguístico, ela se estabelece junto da Onomástica – estudo dos nomes próprios e da Antroponímia – estudo dos nomes de pessoas. Constitui-se como uma área de investigação que se fundamenta na idéia de que a nomeação de um lugar não se dá de maneira aleatória ou despropositada, mas que essa nomeação ao ser investigada, pode revelar importantes informações referentes à língua em uso na região pesquisada e aos costumes e valores preponderantes na conduta dos falantes. Ela também pode descrever os acontecimentos históricos e as influências sofridas através dos contatos com outros grupos étnicos que ali se instalaram. Os estudiosos caracterizam, de maneira geral, a Toponímia como campo de conhecimento interdisciplinar, ligando-a com áreas científicas que têm uma relação mais próxima com o estudo dos nomes de lugar, como a História, a Geografia, a Antropologia e a Etnolinguística.

---

\* Professor da Faculdade de São Lourenço e da Fundação Educacional de Machado. E-mail: assisconf@hotmail.com.

Estudar a memória toponímica de uma região é viajar no tempo e no espaço para perceber que, no processo de nomeação, inserem-se a sabedoria e o conhecimento das gerações que ficaram *cristalizados e imortalizados*, preservando do esquecimento o instante mágico em que as coisas passaram a ser conhecidas por tal nome e obtiveram a sua existência. Dentro da nomeação ocorre um “nascimento”, uma identificação, uma singularização. É pela Palavra que esse fato se consolida. O que *não-era* passa então a *ser*. No mundo das palavras ocupa um lugar especial o *nome* que, inicialmente emanado do mundo comum para ser aplicado a um lugar concreto, sofre as modificações realizadas pelo homem que o transforma e o reconstrói para o uso das gerações seguintes. Por isso, os nomes de lugares, também conhecidos como topônimos (do grego *topos*, “lugar”, e *onoma*, “nome”), constituem um grandioso campo de pesquisa.

Mapa1 – Roteiro dos Caminhos da Estrada Real  
(Fonte: Instituto Estrada Real, Belo Horizonte/MG)  
O Caminho Velho da Estrada Real



Neste trabalho apresentamos a memória toponímica contida nos relatos da *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)*, do naturalista francês Saint-Hilaire, que esteve no Brasil durante seis anos, de 1816 a 1822, para estudar a flora brasileira e passou pelo *Caminho Velho* da Estrada Real.

Após o período da ocupação do litoral, nas últimas décadas do seiscentismo, começaram as expedições dos Bandeirantes para o interior brasileiro nos chamados *sertões*. Houve, então, a descoberta de terras ricas em ouro e pedras preciosas nos *sertões das gerais*. O sonho pela riqueza vai atrair para a região milhares de pessoas das outras regiões do Brasil e da Europa. Inicia-se o concorrido período de exploração das *minas gerais*. O auge da busca pelo ouro nas Minas Gerais deu-se na época colonial até meados do século XVIII. Explorado de início o ouro de tabuleiro, na beira dos ribeirões, passou-se em seguida a extrair-se o ouro das margens mais elevadas, já nas encostas: o das grupiaras ou guapiaras. A busca pelo ouro e pelas pedras preciosas vai fazer surgir “os muitos caminhos” que levavam às minas, ampliando as *Entradas* deixadas pelos bandeirantes e os *Peabirus* demarcados pelos indígenas ou desbravando novas sendas. Aos poucos se consolida uma *Estrada Real*, que passa a ser a rota do transporte do ouro e das pedras preciosas de Minas Gerais para o Rio de Janeiro.

A rota da Estrada Real movimentou a economia do país por um período de mais de 150 anos. Com 1400 km de extensão, ela envolve mais de 200 municípios, distritos e logradouros, localizados nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Segundo os historiadores, inúmeros caminhos foram construídos a partir do Rio de Janeiro para Minas, passando por São Paulo. Costa descreve em sua obra *Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real* (2005) a localização detalhada desses caminhos.

Dentre esses caminhos, o chamado *Caminho Velho* compreende o maior dos itinerários da Estrada Real. A definição do *Caminho Geral do Sertão*, como ficou conhecido o antigo caminho dos paulistas, deu-se pelo empenho do bandeirante Fernão Dias Paes em sua última expedição (1674-1681). Por esse caminho foi estabelecida a comunicação entre São Paulo de Piratininga às vilas do Vale do Paraíba – Mogi, Jacareí, Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá, atravessando a serra da Mantiqueira e cruzando o rio Grande no seu trecho oriental em direção ao rio das Velhas. Quando as bacias de ouro deste rio foram descobertas, juntamente com as do rio Doce e do rio das mortes, esse caminho tornou-se de amplo uso pelos aventureiros. Este caminho foi intensamente percorrido por mineradores e mercadores que abasteciam as vilas mineiras, principalmente, como fluxo de escoamento da produção aurífera e diamantina. Segundo Costa (2005, p. 88), pelo *Caminho Velho*, a duração da travessia de São Paulo a Ouro Preto ou a região do rio das Velhas era cerca de 74 dias de viagem. Saindo do Rio de Janeiro, passando por Paraty, a travessia durava cerca de 73 dias, isso compreendendo “35 dias de jornada e 38 de paradas”. Mesmo com todas as dificuldades esse trajeto só deixou de ser

amplamente utilizado quando adveio o *Caminho Novo*, que permitiu acesso rápido e ligeiro às minas.

### **O olhar do viajante**

O olhar e o discurso elaborados pelos Viajantes Naturalistas dos Séculos XVIII e XIX foram elementos fundamentais na construção da identidade nacional e causadores das representações que alicerçaram a visão que temos hoje das características socio-culturais e geográficas brasileiras das regiões que compõem a *Estrada Real*. Por meio destes relatos podemos reconstruir uma história regional. Ainda que este “olhar” estivesse moldado pela cultura européia, esses viajantes deixaram fontes documentais preciosas para o entendimento toponímico dos lugares que passaram. Na expressão poética da Pesquisadora Marilene Marinho Nogueira quando refere-se à pluralidade dos Viajantes Estrangeiros nos caminhos da Estrada Real:

São muitos os caminhos e são muitos os olhos que passam pelos caminhos, alguns cabisbaixos vão apenas medindo o tanto que já foi andado e o que ainda têm por andar...Perscrutam os chãos, os verdes, os ares, os perfumes, as cores, os sons. Estão abertos, integralmente abertos para a terra brasileira. São olhos que aqui, nesta terra abençoada encontraram continuamente com o que se extasiar, o que admirar a cada pessoa, a cada momento. (NOGUEIRA, 2005, p. 153)

O viajante oitocentista que mais viajou pelo Brasil e que mais obras publicou descrevendo o interior meridional brasileiro foi Auguste Prouvansal de Saint-Hilaire. Este viajante francês esteve no Brasil durante seis anos fazendo cinco grandes jornadas de exploração científica pelas províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e a Cisplatina, nas quais visitou alternativamente o Jequitinhonha, as cabeceiras do São Francisco, o Rio Claro e o Uruguai, num percurso de 2500 léguas. A relação de suas viagens, sob o título geral de *Voyages dans L'Interieur du Brésil*, Paris (1830-1851), foi publicada em seis volumes.

Na obra *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)*, Saint-Hilaire retornou a Minas Gerais e a São Paulo para repor parte das coleções de plantas que havia perdido. Em seus relatos, podemos colher os registros da *memória toponímica* que deixou ao sair do Rio de Janeiro em direção a São Paulo.

Os relatos do viajante francês são sempre cheios de detalhes e plenos de minuciosas observações. Poucos investigadores estrangeiros, dentre os muitos que visitaram o Brasil com propósitos científicos, empenharam-se em construir memórias tão expressivas de tudo o que viram com relação às peculiaridades da flora, da fauna e da sociedade oitocentista brasileira, oferecendo tantos detalhes. Em suas viagens e excursões, pesquisava e coletava espéc-

cias para serem estudadas e classificadas cientificamente. Todavia, à medida que examinava o material coletado, Saint-Hilaire redigia comunicações, relatos de viagem, e permutava informações com botânicos e diversas instituições estrangeiras, tratando, em suma, de tornar conhecida a opulência da natureza brasileira, quase desconhecida, naquela época.

Para Nogueira (2005, p.154), a leitura das memórias e dos relatos de Saint-Hilaire, revela o caráter do homem-cientista, cuidadoso nas observações que faz, criterioso em suas análises e juízos; neutro na busca da verdade científica. A curiosidade do cientista, ao invés de se fechar na contemplação do mundo físico, igualmente se abriu à contemplação do homem, das instituições, dos costumes, das formas de trabalho aborígene, do branco, dos negros, livres ou escravos e todas as situações políticas que se passavam. Em alguns trechos de suas “memórias” é possível entrever um certo deslumbramento poético nas descrições que faz sobre a fauna e a flora brasileiras ou sobre a organização da vida social dos lugares por onde passa.

Nas palavras de Affonso de E. Taunay prefaciando a obra analisada, o que chama a atenção dos leitores de Saint-Hilaire é a “fidelidade com que ele soube grafar as palavras portuguesas, prova de quanto chegou a conhecer bem a nossa língua” (SAINT-HILAIRE, 1974).

### **Memória toponímica**

A realidade linguística brasileira está perpassada pelas marcas colonizadoras de diversos tipos de contatos culturais que ocorreram ao longo da história da ocupação territorial. É assim que podemos perceber dentro da *memória toponímica* ocorrências das culturas portuguesa, indígena, africana e estrangeira. Os relatos de Saint-Hilaire contêm uma grande quantidade de registros referentes às características culturais, religiosas, políticas, geográficas e econômicas das regiões que compõem a rota da Estrada Real. Em nossa investigação detectamos que o processo de nomeação das montanhas, rios, fazendas, arraiais e logradouros que fazem parte deste percurso sofreu muitas e variadas influências. Diversas influências proporcionaram o surgimento de uma *Toponímia* muito rica e variada. O estudo toponímico revela desde a influência do índio, o primeiro habitante, como também do colonizador português. Do bandeirante desbravador e do negro escravizado; do garimpeiro e do padre; do político e dos coronéis.

Em suas memórias, o botânico e estudioso da natureza, descreveu o que viu e se envolveu inteiramente em sua missão de registrar tudo e coletar espécies raras de plantas para aumentar o seu acervo. Ele “tirou do limbo” milhares e milhares de espécies de plantas e animais para “batizá-las” cientificamente. É desta maneira que ele ao tecer os seus registros científicos, fez também a tessitura da *memória toponímica*. Nada passou despercebido de seu olhar e tudo foi cuidadosamente registrado.

A segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo teve início em 29 de Janeiro de 1822. Foi quando ele escreveu:

Nada no mundo, talvez, haja tão belo quanto os arredores do Rio de Janeiro. Durante o verão, é o céu. Ali, de um azul-escuro que no inverno se suaviza para o desmaiado dos nossos mais belos dias de Outono. Aqui, a vegetação nunca repousa, e em todos os meses do ano, bosques e campos estão ornados de flores. Florestas virgens, tão antigas quanto o mundo, ostentam sua magestade às portas da capital brasileira a constratarem com o trabalho humano. (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 18)

Entre o Rio de Janeiro até São João del-Rei, no *Caminho Velho*, a viagem durou 26 dias. Neste percurso o viajante registrou a passagem por Inhaúma, no estado do Rio. “*O nome de Inhaúma não é provavelmente senão a corruptela da palavra Inhuma, nome este que no Brasil, se dá, a uma ave*” (p. 20). Descreveu a passagem pela “Parocchia de Santo Antonio de Jacutinga”, a Fazenda Benfica e a travessia em 01/02 na serra da *Estrada Nova*, pernottou em Vargé: “*o nome Vargé não é português mas vem evidentemente de várzea que tem a mesma significação*”(p. 32). Passou pelo Registro do Comércio, Engenhoca, Aldeia das Cobras, Registro de rio Preto, serra Negra, serra de Ibitipoca e Barbacena, até chegar ao *Caminho Velho* da Estrada Real: “*Ali abandonamos o caminho que seguíamos então e conduz a S. José. Tomamos o que leva diretamente a S. João d’El Rey*” (p. 79).

Em S. João del-Rei, Saint-Hilaire tinha a finalidade de sacar um dinheiro e para isso trazia uma carta de crédito. Ele revelou as dificuldades que tivera com o vigário em uma viagem anterior com as seguintes palavras:

Já nos aproximávamos da cidade. Nela entrando fui à casa do vigário. Custava-me ao amor-próprio fazer-lhe finezas e pedir-lhe o que quer que fosse: é um homem que não posso apreciar, mas devendo passar um dia apenas em S. João, e não querendo ir para a estalagem, era ele a única pessoa a quem poderia pedir hospedagem. (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 87).

De São del-Rei, Saint-Hilaire partiu para o Rancho do Rio das Mortes e chegou em 27 de Fevereiro à Fazenda do Ribeirão. Assim se expressou sobre o trecho percorrido:

A região que percorri é também montanhosa e oferece excelentes pastagens nos altos, nos vales, capões de mata. Estes, estão bem longe de possuir o vigor das matas virgens e o meu hospedeiro disse-me, que, quando ali se plantava milho apenas produzia cem por um. Para aqui chegamos e seguimos quase sempre as cumiadas e gozamos de larga visita; mas não descobrimos habitação alguma. À beira do caminho apenas vimos uma casinhola onde uma pobre mulher vende aguardente de cana e algumas miseráveis provisões (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 88).

No *caminho velho da Estrada Real*, Saint-Hilaire fez belíssimos e detalhados relatos dos lugares por onde passou. Em suas *memórias* ele se preocupou em registrar corretamente os nomes dos lugares e de oferecer detalhadas descrições toponímicas da paisagem que viu e desfrutou. Os seus relatos são marcados pelas experiências vividas no contato com a natureza e as pessoas, e também pelo entusiasmo e fascinação diante das descobertas realizadas.

#### Em **Carrancas** (01/03)

Cortando sempre pastos, encontramos, a pouca distância do rio Juruoca, o de Pitangueiras, que segundo me disseram vai confluir com o rio Grande. Tínhamos sempre à frente a Serra das Carrancas e afinal ali chegamos. Em ponto algum é muito elevada e o caminho a corta no lugar onde tem menor altura. No cume, que é muito arenoso, reví algumas plantas interessantes, entre outras uma orquídea de dois cálices. A vila de Carrancas é sede de uma paróquia, mas quando muito merece o nome de aldeia. Fica situada na encosta de uma colina e compõe-se de umas vinte casas arrumadas em volta de uma praça coberta de grama. A igreja ocupa o lado mais alto da praça. É pequena mas construída de pedra e muito bonita por dentro (p.94).

#### De Carrancas Saint-Hilaire seguiu para **Aiuruoca** (8/ 03)

Achava-se outrora muito ouro nas margens do Rio Grande e nas do Rio Aiuruoca, e é a um arraial de mineradores que a cidade deste nome deve a origem. Hoje não há mais lavras entre S.João e Aiuruoca e apenas se contam duas ou três de pouca importância nestes arredores. Os arredores de Carrancas e Aiuruoca são muito altos, o café ali toma geada todos os anos; o açúcar e algodão não vão por diante. Entretanto pode-se colher um pouco de café se se escolherem lugares altos para plantá-lo. Segundo o que me disse o cura, as conjecturas que formava ontem sobre a população desta cidade estão perfeitamente fundadas. Não é habitada durante a semana senão por mercadores operários e prostitutas. Mas nos domingos e dias de festa, torna-se um lugar de reunião para todos os cultivadores da comarca (p. 112).

#### Na **Serra do Papagaio** (9/03)

É austera e selvagem; tem-se as altas montanhas da Mantiqueira ante os olhos. São profundos vales, cumes escarpados, florestas majestosas no meio das quais três belas cabeceiras, espadanam obliquamente num lençol prateado, contrastando com as cores escuras das árvores que as cercam. Como ninguém ainda logrou maior êxito, a imaginação do povo deu-se largas a propósito desta montanha. Uns colocaram-lhe no alto um grande lago, outros ali foi acorrentado por um santo sacerdote por ocasião da descoberta da zona. O que parece certo é que até mais ou menos do terço do pico, a começar do cume, escapa-se bela cascata; mas não pude verificar o fato pessoalmente (p. 118).

Após ter visitado a Serra de Aiuruoca, Saint-Hilaire seguiu com a sua comitiva para **Baependi**, em 10/03.

Depois de Rego d'Água, o aspecto da região muda pouco a pouco e torna-se mais austero. São os campos menos risonhos e de verdura mais escura. Por fim a majestosa e sombria araucária, esparsa entre a mataria, lembra um pouco os Campos Gerais. Perto de Baependi, encontramos o rio do mesmo nome, margeamo-lo durante algum tempo e depois de o atravessar numa ponte de madeira, avistamos a cidade. Fica situada à encosta de uma colina pouco elevada e compõe-se de várias ruas desiguais e irregulares. As casas que as margeiam, são em geral muito pequenas, e estão longe de atestar opulência. A igreja, construída numa praça pública, nada tem de notável (p. 121).

Em 12 de Março ele chegou a **Pouso Alto**. Suas palavras são muito expressivas:

Paramos na cidade de Pouso Alto, que é a sede de uma comarca. Está construída em anfiteatro, no declive de uma colina e representa uma espécie de pirâmide cuja igreja forma o vértice. A colina avança entre duas montanhas cobertas de mata e ao seu sopé corre um riacho num valesinho. As cidades como já disse são apenas povoadas, durante a semana, pela mais vil canalha; alguns artífices, em sua maioria homens de cor, mandriões e rameiras (p.129).

Saint-Hilaire em 14 de Março se aproximou de **Passa Quatro** em direção ao Registro da Mantiqueira. Na travessia da Mantiqueira ele não escondeu o seu deslumbramento por tudo o que os seus olhos viram.

Desde que viajo na capitania de Minas, talvez nada visse de mais belo do que a região hoje atravessada. Seguimos um vale bastante largo, cercado de montanhas pitorescas e coberto de árvores no meio das quais se destaca sempre a majestosa araucária. Este vale é regado por um rio que dá mil voltas e pelo qual passa quatro vezes para chegar aqui, donde lhe vem o nome de Passa Quatro. Pequenas casas ainda acrescentam nova variedade à paisagem. A nossa frente tínhamos a Serra da Mantiqueira, a cujos cumes, bastante diferentes pelo formato, veste sombria floresta. Nada melhor lembra os vales da Suíça do que este de que acabo de fazer a descrição (p.130).

Descreveu, então, o limite entre os Estados de Minas Gerais e São Paulo:

Uma cruz de madeira indica o limite entre a capitania de Minas e a de S. Paulo. Até lá se sobe sempre, e o caminho é bastante bonito. Mas quando é preciso descer torna-se medonho. Não me lembro de ter visto pior, desde que estou no Brasil (p.136).

Em **Cachoeira Paulista**, 22 de Março, após ter atravessado o rio Paraíba numa balsa, Saint-Hilaire pernitoou.



É difícil ver-se algo mais bonito do que a posição de Porto da Cachoeira. Esta vila foi construída à beira do Paraíba, sobre o declive de uma colina no alto da qual fica a igreja. A Vila da Cachoeira compõe-se apenas de uma dezena de casas e não passa de distrito da vila de Lorena. Ali se encontram algumas lojas e vários ranchos. Os ferradores são bastante numerosos, seu trabalho tem muita reputação na região. A cidade da Cachoeira é lugar de passagem de todas as tropas que ao Rio de Janeiro vão de Baependi e suas redondezas (p. 140).

Teceu as seguintes considerações sobre **Lorena**, em 23 de Março:

A vila de Lorena fica situada à margem do Paraíba, à extremidade da região plana e pantanosa que acabo de descrever. É pouco avultada mas tem posição risosa. As ruas que a compõem são muito menos largas do que as das cidades e aldeias da capitania de Minas; ficam-lhes as casas apertadas umas às outras. Em geral não caiadas, pequenas, apenas tem um pavimento mas são bem tratadas e o seu exterior apresenta um ar de asseio que agrada. A igreja paroquial forma um dos lados da pequena praça quadrada. (p.143)

Passou também em **Guaratinguetá**,

A mais ou menos meia légua de Guaratinguetá, começa a ser avistada uma torre da sua igreja paroquial. A paisagem ainda embelezam algumas abertas sobre o Paraíba que serpea no campo. Guaratinguetá fica situada a algumas centenas de passos do Rio Paraíba numa colina de pequena altura, dominada por outras. Esta vilasinha é muito mais comprida do que larga, suas ruas são estreitas se as comparamos às das cidades e aldeias da capitania de Minas. As casas, pequenas na maioria, não são caiadas e só ao rez do chão tem rótulas muito apertadas que, segundo o hábito antigo, se levantam de alto a baixo, guarnecendo janelas e portas. Vendas bem sortidas indicam que esta cidade faz algum comércio. A igreja paroquial é grande e nela se vêem três altares bem ornamentados (p. 145).

E Saint-Hilaire continuou a sua viagem rumo a São Paulo. E foi deixando atrás de si o *Caminho Velho* da Estrada Real. Visitou ainda as seguintes localidades: Aparecida, Taubaté, Pindamonhangaba, Jacareí, Mogi das Cruzes até chegar ao seu destino.

Sendo a Toponímia a ciência que estuda os nomes dos lugares habitados – sítios, países, ruas e caminhos, que são de grande valor para a reconstituição do espaço histórico-geográfico e também uma ciência onde se entrecruzam diferentes especialidades de conhecimento, torna-se muito interessante estudar os relatos de Saint-Hilaire, resgatando as suas memórias toponímicas referentes ao *caminho velho* da Estrada Real. O viajante registrou a sua passagem pelos seguintes ranchos e fazendas: Rancho de Elvas, Rancho do Rio das Mortes Pequeno, Fazenda Traituba, Fazenda do Ribeirão, Fazenda da Cachoeirinha, Fazenda das Carrancas, Fazenda do Retiro, Fazenda

dos Pilões, Fazenda Itanguá, Fazenda de Paracatu. Em sua travessia menciona as seguintes serras: Serra de São José, Serra das Carrancas, Serra do Papagaio, Serra de Ibitipoca, Serra da Mantiqueira e Serra da Quebra Cangalha. E os seguintes rios: Rio das Mortes, Rio Grande, Rio Juruoca, Rio de Pitangueiras, Rio Parayba, Rio São Gonçalo, Ribeirão dos Mortos e Córrego do Segredo. Povoados e vilas: São João d'el-Rey, Santa Cruz, Aiuruoca, Baependi, Rego d'Água, Pouso Alto, Córrego-Fundo, Passa Quatro, Imbanha, Lorena, Vila da Cachoeira, Vila de Lorena e Vila de Guara-tinguetá.

A Toponímia é sempre uma testemunha fiel de tudo aquilo que foi vivido ao longo do tempo e demonstra que a paisagem é muito mais do que aquilo que se materializa, englobando todos os sentidos humanos. Saint-Hilaire menciona ter transitado pela Serra de São José, Serra das Carrancas, Serra do Papagaio, Serra de Ibitipoca, Serra da Mantiqueira e Serra da Quebra Cangalha.

Fundamentando nossa pesquisa em Silva (1966) para reconstruir a *memória toponímica* destes lugares, constatamos que o topônimo *Carrancas* deve-se a uma formação rochosa existente no local e que foi batizada pelos bandeirantes por assemelhar-se muito com “duas caras feias que se entreolham”; *Papagaio* deve-se à abundância desta ave pelas terras de Aiuruoca; *Ibitipoca*, segundo a língua tupi significa “serra da ventania”. Outra versão traduz etimologicamente para “serra que estoura”, ou seja, *ibiti* (serra), *poca* (estoura). *Mantiqueira*, segundo a língua tupi, significa “serra que chora”: *man* (chuva), *tiquira* (gotejar, pingar). A origem do nome “amantiqueira” deve-se à quantidade de rios que nascem nesta serra; “*Quebra-Cangalha*” deve-se à íngreme subida da serra do Mar muito utilizada no período da mineração: *cangalha* é uma armação de madeira ou de ferro em que se sustenta e equilibra a carga das bestas; *São José* é um hagiotopônimo (nome de santo), muito querido pelos colonizadores portugueses.

Com relação às vilas e povoados, *São João del -Rei* é também um hagiotopônimo referente ao rei; *Santa Cruz*: é um hierotopônimo (nome sagrado); *Aiuruoca*, *ajuru* (os papagaios) *oca* (casa, morada, maloca): a casa dos *ajurus*; *Baependy* : originalmente *maependi*, nome tupi (*mbae*) clareira (*pindi*) aberta; *Rego d'Água*: é um hidrotopônimo. Ambos são nomes indígenas. *Pouso Alto*, historicamente era o lugar que servia de pouso para os bandeirantes nas primeiras penetrações do sertão mineiro; *Córrego-Fundo*: é também um hidrotopônimo; *Passa Quatro*, refere-se ao rio que nasce na serra da Mantiqueira e que dá quatro voltas; *Imbanha*: originalmente *embaú*, da língua tupi (*emba*) o que é que, (*ú*) comer, beber. O que é de comer ou de beber; *Guaratinguetá*, já no Estado de São Paulo, é um topônimo da língua tupi (*guará*), *garça* (*tinga*) branca (*eta*) muito: terra das garças brancas.

### Considerações finais

Cabe aqui ressaltar que os relatos de viagens apresentam-se como relevantes fontes de informações políticas, sociais, culturais e toponímicas.

Eles podem ser analisados não somente como objetos literários ou fontes comprobatórias, mas também como documentos significativos para a memória toponímica.

Desta maneira é que, *A Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*, de Saint-Hilaire, pode ser estudada como um documento significativo que traz preciosos registros e informações de uma época em que Minas Gerais e os seus *caminhos* estavam no centro das atenções por causa do ouro e das pedras preciosas. O resgate da *Memória Toponímica* nas obras dos Viajantes Naturalistas dos séculos XVIII e XIX é essencial para a caracterização do espaço geográfico e histórico das regiões que compõem a Estrada Real. A *Toponímia* registrada por Saint-Hilaire em sua passagem pelo *caminho velho* da Estrada Real constitui-se uma preciosa fonte informativa para a reconstrução da história de uma rota que por mais de dois séculos movimentou a economia brasileira. Podemos visualizar dentro desta toponímia marcas histórico-sociais das etnias indígena, africana e portuguesa que ali viveram e que por ali passaram, e detectar também as mudanças linguísticas que se efetuaram ao longo do tempo.

### CARVALHO, F. DE A. THE TOPONYMIC MEMORY OF SAINT-HILAIRE WAY THE REAL OLD ROAD

**Abstract:** *The human being has the need to name the physical-social environment around him, this being a condition sine qua non for securing his own survival. By using Toponymy, a branch of Onomastics which deals with the origins and meanings of place names, it is possible to analyze the close relationship between man and the topos that defines the space that surrounds him. This work is centered on the study of the memory toponyms of the Old Royal Road (Estrada Real), based on the work of The Second Voyage of Rio de Janeiro, Minas Gerais and São Paulo (1822), Saint-Hilaire.*

**Keywords:** *name; toponymy; Royal Road, Old Path, Saint-Hilaire*

### Referências

COSTA, A. G. (org). *Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2005.

NOGUEIRA, M. M. Os Caminhos do Ouro e o registro da vegetação segundo Naturalistas do Século XIX. In: COSTA, A, G. (org). *Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2005.p.152 -191.

SAINT-HILAIRE, A. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo – 1822*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SILVA, J.R. *Denominações Indígenas na Toponímia Carioca*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1966.

### **Bibliografia**

ARIAS, J.C. *Toponímia y mito*. El origen de los nombres. Barcelona: Oikos-tau, 1995.

DAUZAT, A. *Les noms de lieux*. Paris: Librairie Delagrave, 1928.

DICK, M.V.P.A. Os nomes como marcadores ideológicos. *Revista Internacional de Semiótica e Linguística*, São Paulo, v.7, 1998, p. 97-122.

\_\_\_\_\_. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

SANTOS, M. *Estradas Reais*. Belo Horizonte: Editora Estrada Real, 2001.